

A CLASSIFICAÇÃO SOCIAL DOS ANIMAIS EM KAINGANG APRENDIDA NO KIKI DOS BICHOS

Juracilda Veiga¹

RESUMO

Em 2002, Aryon Rodrigues publicou uma lista de cerca de 100 espécies da fauna em Kaingang, com a classificação de cada espécie nas categorias sociais nativas das seções clânicas “Kadnjerú, Kamé, Votoro, Wéjnyký”. Embora publicado em 2002, o material corresponde a notas da sua primeira pesquisa de campo, recém-graduado, em 1951. Instigada, ao que tudo indica, por uma circunstância fortuita, a sagacidade do jovem pesquisador o levou a reunir informações valiosas nunca repetidas por qualquer outro pesquisador até os dias atuais. Seu colaborador indígena justificou a classificação nativa referindo-se à festa deles (dos animais) e ao fandango, circunstâncias que Rodrigues não comenta. O presente artigo destaca o caráter único e o valor inestimável dessa contribuição linguístico-antropológica de Aryon Rodrigues, e agrega informações sobre o Kiki do Bichos, a festa ou fandango mencionados pelo ancião indígena.

Palavras-chave: *Kaingang; Aryon Rodrigues; Kiki dos Bichos; metades clânicas.*

ABSTRACT

In 2002, Aryon Rodrigues published a list of approximately 100 species of wild fauna in the Kaingang, with the classification of each species in the native social categories of the clan sections “Kadnjerú, Kamé, Votoro, Wéjnyký”. Although published in 2002, the material corresponds to notes from his first field research, in 1951. Spurred, apparently by a fortuitous circumstance, the young researcher’s sagacity led him to gather valuable information never repeated by any other researcher to this day. His indigenous collaborator justified the native classification by referring to “their festival” (of the animals) and to the “fandango”, circumstances that Rodrigues did not clarify. This article highlights the unique character and inestimable value of this linguistic-anthropological contribution by Aryon Rodrigues, and adds information about the “Kiki do Bichos” (animals’ Kiki), the “festival” or “fandango” mentioned by the indigenous elder.

Keywords: *Kaingang; Aryon Rodrigues; Animals’ Kiki; clanic moieties.*

1. Introdução

O professor Aryon Rodrigues, além de renomado linguista, foi um humanista, exímio pesquisador e cientista. Seus estudos linguísticos, desde o princípio foram estreitamente ligados ao seu interesse pelas culturas, caracterizando seu trabalho como de linguística antropológica. Em seu primeiro trabalho de campo, recém-graduado, em 1951, fez uma pesquisa valiosa, na aldeia de Mangueirinha, no Sudoeste do Paraná, sobre a classificação social dos animais em Kaingáng, cujas notas publicou apenas depois de meio século (RODRIGUES, 2002). É a respeito daquelas notas de campo que dedico os comentários que se seguem, buscando situar alguns elementos centrais das concepções tradicionais kaingang, que permitem uma melhor compreensão das informações etnográficas e linguísticas recolhidas por Aryon Rodrigues.²

2 Em razão de diversas falhas tipográficas na publicação de 2002, que prejudicam o aproveitamento da lista de termos indígenas anotada foneticamente por Aryon Rodrigues, julgamos oportuno republicar aquela lista, devidamente corrigida por outro linguista. Ela compõe o Anexo do presente artigo.

2. Uma contribuição etnográfica

Aryon Rodrigues introduz seu artigo com a seguinte informação:

A organização social do povo Kaingáng tem como um dos seus elementos básicos a divisão em metades exogâmicas e a subdivisão de cada uma destas em dois ou mais subgrupos. Segundo Nimuendajú ([1914] 1987, p.122) essa divisão se estendia a toda a natureza. Baldus (1937), entretanto, com base em seu trabalho de campo junto aos Kaingang de Palmas, PR, conclui que tal extensão não existia. Já Veiga (1994), cuja pesquisa básica foi com os Kaingang de Xapécó, SC, confirma a informação de Nimuendajú. Durante meu trabalho de campo linguístico entre os Kaingáng de Mangueirinha, PR, que falam o mesmo dialeto que os de Palmas e os de Xapécó (dialeto central), um dos membros mais idosos da comunidade me voluntariou a classificação de grande número de espécies animais segundo as duas metades sociais e seus subgrupos. (RODRIGUES, 2002, p. 115).

98 Tendo sido dos primeiros povos a estabelecer e manter contato permanente com os colonizadores para além do litoral,³ por séculos o conhecimento da cultura e das concepções próprias da cosmovisão kaingang não despertaram interesse dos portugueses, dos brasileiros e, mais tarde, dos imigrantes que ocuparam suas terras. O conhecimento de seu sistema de organização social e sua cosmovisão, ainda que vigentes, permaneciam em quase total desconhecimento até a primeira metade do século XX, quando aparecem as primeiras etnografias a tematizar elementos daqueles domínios da cultura: Nimuendajú (UNKEL, 1914), Maniser (1930), Baldus (1937), Fernandes (1941). Eram, no entanto, publicações para público muito especializado, sendo que os trabalhos de Nimuendajú e Maniser, publicados no exterior, sequer chegavam ao conhecimento de parte significativa daquele público erudito. Ao mesmo tempo, ao Estado Brasileiro interessava defender sua ação humanitária em favor das populações indígenas e, no contexto sociocultural de então, propalar o engajamento delas no processo econômico que se resumia na palavra “progresso”. Defendia-se, por isso, seu potencial como contingentes “úteis” ao desenvolvimento do país, não como detentores de amplas áreas de terras, mas ao contrário, liberando

3 Os primeiros contatos pacíficos, e de alguma duração, de grupos Jê meridionais (Kaingang e Xokleng) com europeus aconteceram na região do então Guairá (as terras entre os Rios Tibagi, Paraná, Paranapanema e Iguaçu), em missões ou reduções estabelecidas pelos jesuítas da Província do Paraguai, na primeira metade do séc. XVII. Destruídas as reduções do Guairá, por bandeirantes, no começo dos anos 1630, foi somente em 1812 que voltaram a se estabelecer relações pacíficas de alguns grupos kaingang com portugueses, no centro do Paraná. Até meados do séc. XIX, porém, tais relações pacíficas já se estendiam para um grande número de grupos Kaingang no Oeste do Paraná, Oeste de Santa Catarina e Norte do Rio Grande do Sul.

territórios à expansão agrícola e pecuária e incorporando as comunidades indígenas na economia regional.

Esse trabalho foi feito especialmente pelo Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais, a partir de 1910.⁴ Em 1946, por exemplo, o SPI produziu uma série de filmes de divulgação mostrando o “progresso” de determinadas comunidades, pelo trabalho dos Postos Indígenas. Claro que a propaganda visava à classe política, que sempre ameaçava acabar com o SPI e deixar os indígenas sem a mínima proteção. Pelo menos quatro filmes foram produzidos em aldeias Kaingang, em 1947,⁵ neles destacando-se, ao mesmo tempo, o forte engajamento em atividades produtivas típicas da economia regional (plantação e colheita de trigo, emprego de maquinário agrícola, pecuária) e sinais externos de suposta “integração” à cultura e sociedade nacional: roupas e cortes de cabelo ocidentais, times de futebol uniformizados, hasteamento da bandeira nacional etc. Por seu lado, os Kaingang também fugiam à discriminação e reforçavam sua imagem de “integrados”, obtendo maiores benefícios através dos agentes governamentais, evitando expor aos não-indígenas as suas práticas culturais tradicionais, para assim corresponder à expectativa dos “chefes”, representantes do Estado.

Foi apenas a partir de minha dissertação de mestrado⁶ que os Kaingang foram descritos minuciosamente nos seus aspectos de organização social e cosmologia, em nível comparável ao que se produzira antes, acerca de outros povos Jê,⁷ abrindo a possibilidade do estudo comparativo entre as culturas desses povos (veja-se: Coelho de Souza, 2002). E foi a partir do contato com minha pesquisa – segundo ele me disse – que o professor Aryon decidiu-se por publicar as notas de seu primeiro trabalho de campo, de 1951, compreendendo o valor etnográfico de seu registro, e a importância de compartilhá-lo publicamente.

3. A classificação social dos animais

Segundo o mito de origem Kaingang,⁸ ouvido por Nimuendajú, no Ivaí, PR,

os primeiros desta nação saíram do chão (...). Saíram em dois grupos, chefiados por dois irmãos por nome *Kañerú* e *Kamé*, sendo que aquele saiu primeiro. Cada um já trouxe um número de gente de ambos os sexos. Dizem que *Kañerú* e a sua gente toda

4 A partir da década de 1920, apenas SPI – Serviço de Proteção aos Índios.
5 *Um Posto Indígena* (Posto Indígena Xapecó, SC); *O índio e o esporte* (P.I. Guarita, RS); *O índio e o trigo* (P.I. Ligeiro, RS); *Entre os índios do Sul* (P.I. Apucarana, PR; Xapecó, SC; Guarita e Ligeiro, RS). Todos eles encontram-se no acervo de documentação do Museu do Índio/FUNAI, no Rio de Janeiro.
6 VEIGA, 1994, publicada em livro pela Editora Curt Nimuendajú (VEIGA, 2006).
7 Cf. NIMUENDAJÚ, 1939, 1942, 1946; MAYBURY-LEWIS, 1979.
8 Emprego a expressão “mito de origem” na acepção de Mircea Eliade ([1963] 2000).

eram de corpo fino, peludo, pés pequenos, ligeiros tanto nos seus movimentos, como nas suas resoluções, cheios de iniciativa, mas de pouca persistência. *Kamé* e os seus companheiros, ao contrário, eram de corpo grosso, pés grandes, e vagarosos nos seus movimentos e resoluções. Como foram estes dois irmãos que fizeram todas as plantas e animais, e que povoaram a terra com os seus descendentes, não há nada neste mundo fora da terra, dos céus, da água e do fogo, que não pertença ou ao clã de *Kañerú* ou ao de *Kamé*. Todos ainda manifestam a sua descendência ou pelo seu temperamento ou pelos traços físicos ou pela pinta. O que pertence ao clã *Kañerú* é malhado, e o que pertence ao clã *Kamé* é riscado. O Kaingang reconhece estas pintas tanto no couro dos animais como nas penas dos passarinhos, como também na casca, nas folhas ou na madeira das plantas. Das duas qualidades da onça pintada, o acanguçu é *Kañerú* e o jaguareté⁹ é *Kamé*. A piava é *Kañerú*, e por isso ela vai também adiante na piracema. O dourado é *Kamé*. O pinheiro é *Kañerú*, o cedro é *Kamé* etc.¹⁰ (Nimuendajú [1913] 1993, p. 58-59 – grifos meus).

Os destaques na citação de Nimuendajú referem-se justamente à classificação social da fauna e da flora. O entrevistado de Aryon, perguntado “*se as plantas também se dividem assim, respondeu que não*” (RODRIGUES, 2002, p. 117). No entanto, de minha convivência com os Kaingang do Xapecó, inclusive em rituais, tenho informação segura da classificação social também de elementos da flora, o que explica duas coisas muito importantes: (i) os tipos de folhas com que se marcam as sepulturas, no cemitério, durante o ritual do Kiki (os *Kamé*, com ramo de pinheiro; os *Kanhru*, com ramo de sete-sangria; e os *pěj* com samambaia)¹¹; e (ii) o conceito de plantas “*companheiras*”, de uso no dia a dia.¹²

Aqui, no entanto, nos interessa apenas a classificação dos animais, segundo as seções e metades clânicas.

Vale destacar a circunstância fortuita que levou Aryon Rodrigues a essa investigação, produzindo um documento único e inestimável. Segundo

9 Na publicação original, por falha tipográfica, consta “fagnareté” (p. 59).

10 Observo ter havido uma inversão na anotação de Nimuendajú; conferi com vários Kaingang, para os quais, o pinheiro é *Kamé* e o cedro é *Kanhru* (Veiga 2006, p. 82).

11 Cf. Veiga, 2006, p. 190.

12 Uma mostra de como os Kaingang classificam também a flora, nas metades clânicas, observa-se num pequeno trecho de um diálogo que tive na aldeia de Cacique Doble, em 2008 (juntamente com o linguista Marcelo Jolkesky), com o kaingang André Silva (entre 35 e 40 anos):

“André: *Caraguatá do campo, que é o caraguatá bravo e o caraguatá manso é o que dá na beira dos rios e dá de comer!*

Marcelo: *E como é o nome dos dois?*

André: *O do campo é krunũ iũ [bravo]*

Juracilda - *Qual dos dois é rãror? Porque, se tem dois, um é rãror e outro é rãtėj, não é?*

André – *Sempre o bravo é o ratéi. O rãror é o manso*” (Cacique Doble, 07/11/2008)

seu relato, conversava com o “velho Coelho” (José Luís dos Santos), na varanda da casa do funcionário do SPI. Aryon o havia entrevistado sobre as metades exogâmicas e suas subdivisões. Continuavam ali, quando

Em certo momento uma borboleta atravessou a varanda e eu perguntei como se dizia “borboleta”. O velho Coelho respondeu: *toto*, e acrescentou: ‘Essa aí é *votoro*.’ Então eu lhe perguntei se os animais também se dividiam como os homens e ele disse que sim, que os bichos se dividiram na festa deles. (RODRIGUES, 2002, p.117).

Das leituras prévias de Aryon (mencionadas na seção anterior), o tema só ocorrera marginalmente em Baldus (1937, p. 63) na seguinte passagem, em que o etnólogo interpela o velho cacique de Palmas a respeito (seguramente a partir de uma informação de Nimuendajú), e obtém uma resposta duplamente negativa:

“Uma vez, um homem me dizia que todas as plantas e os animais e as estrelas são ou Kamé ou Kadnyerú, sempre a metade deles Kamé e a outra metade, Kadnyerú.”

“As estrelas são filhas do sol e da lua, mas não são Aniky, não são Kamé, não são Kadnyerú, não são Votôro. Cada estrela tem um nome, mas as estrelas não são separadas umas das outras como Kamé e Kadnyerú. E as plantas e os animais não são Aniky, não são Kamé, não são Kadnyerú, não são Votôro, porque eles não foram pintados por nossos primeiros velhos, e porque eles têm pinturas completamente diferentes”. (grifos meus)

101

Recordo isso para ressaltar a sagacidade de Aryon, em sua conversa na varanda com o velho Kaingang de Mangueirinha, ao perceber imediatamente que estava diante de um “achado”. Curiosamente, o entrevistado de Aryon, José Luís (“Coelho”) dos Santos,¹³ não menciona o mito kaingang da criação dos animais¹⁴ para explicar a classificação deles nas

¹³ Na publicação de 2002, constam dois nomes ligeiramente diferentes para o entrevistado de Aryon: José Luís dos Santos (duas vezes: p. 117 e p. 121, esta última, no título da lista dos animais), e João Luís dos Santos (p. 119). Nas páginas 119 e 121, respectivamente João Luís e José Luís são identificados, ambos, como *Kadnierú* ou *Kaje'ru*, de cerca de 82 anos. Nas páginas 117 e 121, José Luís é também identificado como (o velho) “Coelho”, e na página 119, informa-se que seu nome do mato é *je:r*. Conhecendo as práticas Kaingang, o mais razoável é supor que a notação fonética contém um erro (que possivelmente ocorreu na passagem do manuscrito para a versão digital) e o nome kaingang do Sr. Coelho fosse, de fato, *for* = *preá*, ao qual pode ter se referido a expressão descritiva “rato sem rabo” como tradução para “coelho” na lista de Aryon. Em resumo, trata-se de uma mesma pessoa, de modo que opto por *José Luís*, seja porque ocorre duas vezes, seja porque está no título da lista publicada.

¹⁴ Cf. Borba, 1908, p. 20-22. Na narrativa mítica da origem do povo kaingang,

seções clânicas, mas socorre-se de uma outra tradição narrativa kaingang, o Kiki dos Bichos: “*ele disse (...) que os bichos se dividiram na festa deles*”. Em outra passagem, o velho kaingang justificou não saber a seção ou metade clânica do morcego, nem do besouro, novamente apelando ao Kiki dos Bichos: “*Coelho declarou não saber classificar: ‘Não esteve no fandango,¹⁵ não sei dividi ele*” (RODRIGUES, 2002, p. 118).

O *fandango* é um termo pelo qual, em São Paulo e sul do país, entre a população sertaneja, se nomeia um baile popular.¹⁶ Os velhos kaingang com frequência referem-se à festa do Kiki como “*fandango*”. Há mesmo um curioso registro do século XIX, feito por um jesuíta espanhol em Nonoai (RS), usando essa palavra para referir-se à festa do Kiki. Após mencionar as lamentações por um morto, concluiu o missionário:

Mas vea la ceguera de estos pobres gentiles! Pasados pocos dias de la muerte, acaban el luto con fiestas, con bebidas espirituosas, que extraen del maíz, y con fandangos alrededor de la tumba. (Pe. Santiago Villarubias, 1850 – apud PÉREZ 1901, p. 520; também em TESCHAUER, 1929, p. 300).

4. O kiki dos humanos e o kiki dos bichos

O primeiro não-indígena a identificar e descrever o ritual do kiki como voltado a encaminhar os mortos ao seu destino foi o capuchinho Frei Luiz de Cimitille, que o presenciou em São Jerônimo da Serra (PR), aldeamento na beira do Rio Tibagi, na década de 1870, ritual que chamou de *festa dos mortos* (Cimitille, 1882, p. 280-283 *apud* D'ANGELIS & VEIGA, 1996, p. 98-100).¹⁷

Nesse ritual pode-se ver na totalidade a organização e a cosmologia dos Kaingang, cujo mundo é uma unidade composta de duas partes indissociáveis e complementares: a metade Kamẽ (marcada por riscos) e a metade Kanhru (marcada por pontos), cada uma delas subdividida em duas (ou mais) seções, cada uma das quais detentora de um conjunto de nomes

nas noites que se seguiram à sua saída do interior da terra (evento posterior ao dilúvio), os heróis Kamẽ e Kanhru, usando carvão e cinzas, criaram os animais conhecidos. Ver também Schaden (1959).

15 Está se referindo aos animais sob consulta, o morcego e o besouro.

16 O tipo de baile e o nome provém da península ibérica. No Sul do Brasil possivelmente indica coisas distintas: no litoral paranaense, um estilo de música e dança específicos, certamente de origem portuguesa, mas no interior, possivelmente oriundo do espanhol, significando simplesmente baile, em razão do contato de fronteira.

17 Dois séculos e meio antes de Cimitille, o jesuíta Antonio Ruiz de Montoya igualmente presenciou rituais Jê relacionados aos mortos; possivelmente de grupos Xokleng (Laklânô). No entanto, embora Montoya tenha referido claramente os rituais fúnebres de cremação, não entendeu como sendo um ritual, dirigido aos mortos, o que chamou de “*borrachera destos yndios*” (Montoya, 1630 – *apud* D'ANGELIS & VEIGA, 1996, p. 93).

personais, que se recuperam para uso da comunidade após o desligamento – através do ritual do Kikikoi – do indivíduo que o portava.¹⁸

Os cantos são parte importante do ritual do Kikikoi, a celebração pela qual os espíritos de mortos recentes são encaminhados para a Aldeia dos Mortos, no Nũgme,¹⁹ e na qual a bebida de hidromel, o kiki, também tem papel central. Por essa razão, metonimicamente se emprega, com frequência, o termo Kiki (*fazer o kiki, festa do kiki*) para referir-se ao ritual, e não apenas à bebida.

Como sabemos pelas narrativas tradicionais, foram os animais que ensinaram os Kaingang a cantar, dançar e fazer predições (BORBA, 1908, p. 24-28). Foi também com os animais que os Kaingang aprenderam os cantos que se ensinam às crianças, e que compõe a narrativa conhecida como “Kiki dos Bichos”, conforme registrei:

Os Kaingang afirmam que quem primeiro fez o **Kiki** foram os animais, e dentre eles, os passarinhos. Foi ouvindo-os cantar que eles aprenderam os cantos/rezas do **Kiki**. No Xapecó, uma história que se conta para as crianças é a do *Kiki dos bichinhos*. Vários animais desfilam na história, e o canto de cada um é lembrado por quem conta. Conta-se, por exemplo, que o lagarto (**ngóg'ngré**) é **Kamê** e que ele dança com um colar de casca de ovo. O macaco (**kanhér**) é **Kaĩru**, o quati (**xê**) é **Kaĩru**, a gralha preta (**keniã**) é **Kaĩru**, e assim por diante. O próprio rezador de **Kiki**, Diogo Inácio Krĩrã afirma que no primeiro Kiki que rezou, ele só sabia a reza dos bichinhos, e que foi essa que ele cantou.²⁰

103

Por ser, o ritual do Kiki (ou ritual para os mortos) um ato sacerdotal e sagrado, seus cantos só podem ser aprendidos durante a própria realização do ato, mas as crianças têm acesso aos primeiros cantos aprendidos dos animais (como se vê, acima, pelo depoimento do rezador Diogo Inácio).

No Xapecó ouvimos, de José Jacinto Neĩwó, da metade Kamê, que o lagarto é Kamê, “ele dança primeiro, ele dançou em cima do fogo”; que o “mico” é Kanhru, e que o tatu tem sygsyg (chocalho): “ele sabe rezar”.²¹ Segundo ele, esses três animais têm o sygsyg, que é o instrumento dos rezadores do Kiki. E conforme registrou Telêmaco Borba (1908, p.24-26), foi o tamanduá-mirim

18 Trata-se de metades clânicas exogâmicas: os membros da metade Kamê devem casar-se com pessoas da metade Kanhru, e uns e outros se reconhecem como *jambré* (cunhados). É aos cunhados que cabe enterrar os mortos “da outra metade”, uma vez que é interdito tocar nos mortos do próprio clã. Pelo mesmo motivo, na celebração do Kiki são os rezadores Kamê que rezam pelos mortos Kanhru, e os Kanhru pelos mortos Kamê.

19 Baldus (1937) referiu-se ao ritual como Culto aos Mortos.

20 VEIGA 2000, p. 185. No trabalho citado, em lugar de empregar a ortografia adotada pelos Kaingang, utilizei-me de uma escrita mais favorável à pronúncia de falantes de português. No presente texto, à exceção das citações, adoto a ortografia da língua.

21 Lote 60, Fita 160. Xapecó, SC, 14/06/1993. Acervo pessoal de W. D'Angelis e J. Veiga.

(*kakrēkin*) que ensinou os kaingang a fazerem seus instrumentos e os ensinou a dançar e cantar.

Pesquisando entre os Kaingang do Rio Grande do Sul, o antropólogo Sergio Baptista da Silva (2002) colheu preciosas informações sobre os cantos dos animais no Kiki dos Bichos:

Até mesmo os mais simples cantos Kaingang, sobre o “kiki dos bichos”, de caráter infantil – são ensinados às crianças pequenas como forma de diversão – enfatizam o domínio da natureza: são homenagens a animais, cujo comportamento é observado e cuja classificação na metade Kamé ou Kainru-kré é bem sabida por todos. (SILVA, 2002, p. 197 – nota 25).

Na sequência, o autor registrou alguns exemplos:²²

1. Fěfěh²³ jěh: inh kaně sī tỹvĩ / inh nījě sī tỹvĩ / inh kaně sī tỹvĩ / inh nījě sī tỹvĩ / krogrog krě tá re isỹ tĩ.

A cantiga do tatu: /meus olhos são pequenos, meu nariz é pequeno. Eu caio na toca; faz barulho. O tatu é considerado Kamě.

2. Pénkrig jěh: Ā ne te tĩ nĩ / matata féj vē / ā ne te tĩ nĩ / sīmora féj vē / ā ne te tĩ nĩ / mandioca féj vē.

A cantiga da formiga: /o que eu carrego: folha de batata, folha de cebola, folha de mandioca. Pétkrigtar – a formiga cortadeira – é Kamě.²⁴

3. Krág jěh: Pānónh pānónh jagma/ tére tére isỹ tĩ / goj jor / kry-

22 Ortografia kaingang corrigida por Wilmar R. D’Angelis, reconstituindo os textos tanto quanto possível. Uma reconstrução do texto em Kaingang, partindo da versão em português, foi feita pelo professor e tradutor Selvino Kókáj Amaral (Guarita, RS), resultando nas seguintes frases:

1. Fěfěh to jěh / inh kaně vỹ kāsir nỹ tĩ, inh nījě vỹ kóněg nĩ. Inh krě isỹ kutě tĩ; krogrog ke tỹ tĩ. Fěfěh vỹ tỹ Kamě nĩ.
2. Pénkrig ti jěh / inh ne vatĩg tĩ: matata (pénő) féj, ěgnej ki fan fã, mēnjóka féj. Pénkrig tar – a formiga cortadeira é Kamě.
3. Krág to jěh / pānónh, pānónh/ ti kafã tá tãpry kar tére ke tĩ / goj ror / goj ki rã kỹ ti kyr han ãn ge / pãte rãg isóg. Krág vỹ tỹ Kanhrukřě jě.
4. Kasĩn sī fi jěh – kasĩn kar kóněg kãfór kar ti tỹ nĩ, ti jãn tỹ ge nĩ ti: Inh ũ pi inh ko tĩ, ũn tỹ inh mré mũ ě ag hã ko tỹ tĩ. Ele é Kamě.
5. Sórěg ti jěh / inh jã tỹ fág nán ki ryg ke tĩ. Sārěg é Kanhrukřě.
6. Pỹn fi jěh / Isỹ nén ũ ki ěměg tĩ ra isã nén ũ mē há nĩ ěn ra tĩg mũ vē nén ũ pra jé. Pỹn é Kamě.

23 Tatuetê ou tatu-galinha. Na lista de Rodrigues, essa espécie de tatu não ocorre. Ocorrem, nela, *tatu de rabo duro* (fěñěnh) e *tatu mulinha* ou *mulita* (fěñěnh sī), ambos classificados como Kamě, e o *tatu de rabo mole* (hinh), classificado como Kanhru.

24 Na lista de Rodrigues, a formiga é classificada como Wějnyky, uma das seções da metade Kamě.

gryrag krygryrag / ke kutā / ke kutāisỹ tĩ.

A cantiga do porco do mato: /serra serra /subindo descendo do outro lado/a sanga sinuosa/ som que imita o barulho quando ele atravessa a água/ eu atravessei. O porco-do-mato é considerado Kanhru-krẽ.²⁵

4. Jẽ-jugrỹj jẽn: /my-mág rá joj/Inh rẽ ko mé / iambré ke mũ / nén ko ke mũ vẽ.

A cantiga da ratinha –o menor dos ratos, o som que ela está cantando: Eu ninguém me come, os que estão junto comigo é que são comidos. Ien rui ru é classificado como Kamẽ.²⁶

5. Sórẽg jẽn: / Inh tỹ kêsé kénh.

A cantiga da pomba-do-mato – tem bico bem mole: meu bico lasca nó de pinho. Sórẽg é Kanhru-krẽ.²⁷

6. Pỹn: / Inh nĩgrãg nĩ ra jé / inh tĩg ka ta krág he / ke ã vẽ.

A cantiga da cobra: se eu estivesse escutando eu ia onde tinha barulho para picar. Pỹn é Kamẽ.²⁸

(SILVA, 2002, p. 197 – nota 25)

Algumas diferenças se observam, entre a classificação de um animal na lista de Aryon, e do mesmo animal no registro acima, de Baptista da Silva. Considere-se, porém, a informação de Aryon de que, tendo relacionado mais de 100 espécies, o seu entrevistado não hesitava em indicar o grupo (seção) a que pertencia o animal. Porém,

sendo tantos nomes, eu quis verificar se, por acaso, não estaria ele classificando aleatoriamente. Por isso em outro dia voltei a perguntar por vários dos mesmos animais, mas as respostas foram quase 100% consistentes com as anteriores; apenas para duas aves, a baitaca e a andorinha, houve indicação dupla, mas da mesma metade: *kamé* e *wéjnyký*, e para uma só, o marreco, atribuição às duas metades: *votoro* e *wéjnyký*. (RODRIGUES, 2002, p. 117).

25 Na lista de Rodrigues, o porco-do-mato é classificado como Kamẽ.
26 Não consta nenhum rato na lista de Rodrigues; o único roedor que aparece nela é a paca, classificada como Kamẽ.
27 Na lista de Rodrigues, a pomba-rola (sórẽg) é classificada como Kamẽ.
28 Na lista de Rodrigues constam seis cobras, das quais três são classificadas na metade Kamẽ, e dentre essas, apenas uma na seção homônima (Kamẽ), a caninanuçu.

Também do Rio Grande do Sul, no CD *Kanhgág Ag Vĩ Ymã Mág Ki - Vozes Kaingang na Aldeia Grande* foram registrados cantos do Kiki dos Bichos, pela voz de João Carlos Kanheró (Kasú) e Zilio Salvador (Jagtyg): o canto da formiga (Pénkrig fi), o canto do inambu (Né), o da paca (Kokamê), o do tatu peludo (Hinh), o dos porcos do mato (Krág ag), o do veado (Kãme), o da anta (Ójor), o da onça pintada (Míg), o da harpia (Kaká) e o do morcego (Krygféj). (KASÚ ET AL., 2005).²⁹

5. Um raro registro

A classificação social dos animais, em Kaingang, colhida por Aryon Rodrigues junto a um ancião de Mangueirinha (um velho nascido por volta de 1870), contabiliza cerca de 50 animais classificados como Kanhru (sendo 40 da seção Kanhru, e 11 ou 12 da seção Votor) e quase 50 classificados como Kamê (sendo 31 ou 32 pertencentes à seção Kamê, e 17 ou 19 da seção Vënhjënky).

Acima chamei a atenção ao fato de que o velho “Coelho”, para dar a classificação dos bichos, não se referiu à criação dos animais, registrada no mito de origem do povo, mas ao Kiki dos Bichos. Não se deve, porém, desconsiderar aquela importante narrativa mítica, colhida por Telêmaco Borba, na qual se registra:

Na noite posterior à saída da serra, atearam fogo e com a cinza e o carvão fizeram tigres, *ming*, e disseram a eles: - vão comer gente e caça; e os tigres foram-se, rugindo. Como não tinham mais carvão para pintar, só com a cinza fizeram as antas, *oyoro*, e disseram: - vão comer caça; estas, porém, não tinham saído com os ouvidos perfeitos, e por esse motivo não ouviram a ordem; perguntaram de novo o que deviam fazer; *Cayurucré*, que já fazia outro animal, disse-lhes gritando e com mau modo: - vão comer folha e ramos de árvore; desta vez elas, ouvindo, se foram; eis a razão porque as antas só comem folhas, ramos de árvores e frutas.

Cayurucré estava fazendo outro animal; faltava ainda a este os dentes, língua e algumas unhas, quando principiou a amanhecer, e, como de dia não tinha poder para fazê-lo, pôs-lhe às pressas uma varinha fina na boca e disse-lhe: - você, como não tem dente, viva comendo formiga; eis o motivo por que o tamanduá, *ioty*, é

29 Em registro áudio-fotográfico do ritual dos mortos realizado na área do Xapecó (SC), em 2000, Tommasino & Rezende anotaram: “Os rezadores dizem que os bichos do mato é que dançavam o kikikoi e estes ensinaram os homens. Muito da sonoridade do kikikoi busca imitar os sons desses bichos e as danças imitam os gestos do tamanduá, do lagarto, do serelepe dos pássaros e outros” (Tommasino & Rezende, 2000, p. 12).

um animal inacabado e imperfeito.³⁰

Na noite seguinte continuou e fê-los muitos, e entre eles as abelhas boas. Ao tempo que *Cayurucré* fazia esses animais, *Camé* fazia outros para os combater; fez os leões americanos (*mingcoxon*), as cobras venenosas e as vespas. (BORBA, 1908, p. 21-22).

Outras diferenças se observam aqui, entre animais criados por determinado herói ancestral, e sua classificação na lista do velho “Coelho”, de Manguairinha. Veja-se que na narrativa anotada por Borba, as cobras venenosas e as vespas são algumas das criações de Kamê. Na lista de Aryon a vespa é, de fato, Kamê, mas das cobras venenosas apenas a Coral é atribuída a Kamê; as outras cobras venenosas da lista são Kanhru (jararaca, jararacuçu) ou Votor (cascavel), todas na metade Kanhru.

Surpreende mais, talvez, a classificação do leão suçuarana (onça parda) como sendo Kanhru na lista de Aryon, mas registrado por Borba como uma criação de Kamê. Mito e lista igualmente parecem contradizer-se quanto à onça pintada: o primeiro dá as onças (*mĩg*)³¹ como uma criação de Kanhru, mas a lista classifica a onça como Kamê. Talvez aqui a informação de Nimuendajú, em uma passagem citada anteriormente, seja esclarecedora. Lembremos, antes de retomá-la, a passagem do mito anotado por Borba, em que se diz que, enquanto Kanhrukrê fazia os seus animais, Kamê “fazia outros para os combater”. A informação de Nimuendajú vai repetida aqui: “Das duas qualidades da onça pintada, o acanguçu é Kañerú e o jagareté é Kamê”. Como, ao que parece, o *acanguçu* (ou *canguçu*) – embora da mesma espécie da onça-pintada comum e da onça-preta – foi extinto ou tornou-se raríssimo, há muito tempo já não era visto ou conhecido em terras do Sul do país. Seria ele o tipo de *mĩg* criado por Kanhrukrê, no mito de Borba, sendo a onça-pintada comum o animal criado por Kamê.

Duas coisas ainda devem ser lembradas aqui: a primeira, que a narrativa registrada por Borba, ainda que nos pareça extensa à primeira vista, é de fato uma narrativa mítica resumida e simplificada. Ao tempo em que a transmissão oral era a forma máxima da comunicação e transmissão cultural entre os Kaingang, um narrador certamente se ocuparia de um número muito maior de espécies animais ao narrar sua criação. A segunda coisa a ter em mente é que, pela própria estrutura dos chamados “mitos de gêmeos” (Schaden, 1959), o segundo irmão, o irmão menor, ou o herói *trickster* (em

30 Trata-se, aqui, do tamanduá-bandeira. O tamanduá-mirim, como vimos anteriormente, foi quem ensinou os Kaingang o canto e a dança; dessa espécie também se diz que “sabem muitas outras coisas” de modo que “pensamos que eles são as primeiras gentes que aqui existiam antes de nós, e que, por velhos, não sabem mais falar” (BORBA, 1908, p. 25).

31 Borba emprega a palavra *tigre*, que também aparece, ao lado de *onça*, na lista de Aryon. De fato, os velhos kaingang quase sempre empregarão o termo *tigre*, ao que parece, por influência do castelhano.

alguns casos, as três coisas no mesmo personagem) é o responsável pelas criações mal feitas, ou ruins, ou menos apreciadas que as do primeiro herói, ou irmão maior.

Sendo assim, as notas de campo do professor Aryon Rodrigues, tomadas em Manguairinha em 1951, são de valor inestimável, por registrar uma classificação dos animais segundo seu pertencimento às metades e seções (subgrupos) kaingang. De fato, Rodrigues foi o primeiro – entre linguistas e antropólogos – a investigar esse tema; e pela extensão, seu registro é mesmo único. Com certeza ele comporta muita informação útil, inclusive para os próprios Kaingang, os quais, com a destruição de seu ecossistema, também estão perdendo a conexão com os conhecimentos de seus antepassados.

As notas acima pretendem apenas destacar o quanto ainda não se sabe da cosmovisão kaingang, inclusive pelo muito que se deixou de conhecer e registrar à medida em que os processos tradicionais de transmissão oral foram perdendo espaço nas comunidades. O registro feito por Aryon Rodrigues é uma das raras fontes para os próprios Kaingang garimparem a riqueza cultural e os conhecimentos tradicionais, em boa parte adormecidos.

REFERÊNCIAS

BALDUS, Herbert. O culto aos mortos entre os Kaingang de Palmas. *In* BALDUS, H. **Ensaio de Etnologia Brasileira**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1937, p. 29-69.

BORBA, Telemaco M. **Atualidade Indígena**. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1908.

COELHO DE SOUZA, Marcela Stockler. **O Traço e o Círculo: o conceito de parentesco entre os Jê e seus antropólogos**. Rio de Janeiro, PPGAS-MN/UFRJ, 2002. Tese de Doutorado.

D'ANGELIS, Wilmar R.; VEIGA, Juracilda. Fontes fundamentais para o estudo do ritual Kaingang do Kikikoi. **Anais do IV Encontro de Cientistas Sociais - Sobre a problemática regional, aportes para o futuro**. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 1996, p. 92-108.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. [1963]. Trad. Pola Civelli. (6ª. Ed.). São Paulo: Perspectiva, 2000.

FERNANDES, Loureiro. Os Caingangues de Palmas. **Archivos do Museu Paranaense**, v. I, 1941, p. 161-208 (+ 8 pranchas de fotos).

KASÚ, João C. Kanheró; JAGTYG, Zílio Salvador; RÊTÓN, Felipe da Silva. **Kanhgág Ag Vi Ĩmã Mág Ki - Vozes Kaingang na Aldeia Grande**. Produzido por Rodrigo Venzon, Rogério R. G. da Rosa, Jorge Herrmann. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura – Prefeitura de Porto Alegre, 2005. (CD).

MANISER, H. H. Les Kaingangs de São Paulo. **Proceedings of the Twenty-Third International Congress of Americanists**. Nova York, 1930, p.760-791. Em português: H.H. MANIZER, **Os Kaingang de São Paulo**. Trad. Juracilda Veiga. Campinas: Ed. Curt Nimuendajú, 2006.

MAYBURY-LEWIS, David (Ed). **Dialectical Societies: The Gê and Bororo of Central Brazil**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1979.

NIMUENDAJÚ, Curt. (1914): ver UNKEL.

_____. **The Apinayé**. Transl. Robert H. Lowie. Washington: The Catholic University of America, 1936.

_____. **The Šerente**. Transl. Robert H. Lowie. Los Angeles: The Southwest Museum, 1942.

_____. **The Eastern Timbira**. Transl. Robert H. Lowie. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1946.

_____. Notas sobre a organização religiosa e social dos Kaingang. In **Nimuendajú, Etnografia e indigenismo. Sobre os Kaingang, os Ofaié-Xavante e os índios do Pará**. [1913]. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993, p. 57-66.

PÉREZ, Rafael. **La Compañía de Jesús restaurada en la República Argentina y Chile, el Uruguay y el Brasil**. Barcelona: Imprenta de Henrich & Cia, 1901.

SCHADEN, Egon. A representação do dualismo Kaingang no mito heróico tribal. In SCHADEN, Egon, **A mitologia heróica de tribos indígenas do Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1959, p. 103-116.

TESCHAUER, Carlos. **Porandúba riograndense**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1929.

TOMMASINO, Kimiye; REZENDE, Jorgisnei F. Kikikoi: ritual Kaingang na área indígena Xapecó/SC. Registro áudio-fotográfico do ritual dos mortos. Londrina: UEL, CIMI, 2000.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Classificação social dos animais em Kaingáng. In SANTOS, Ludoviko; PONTES, Ismael (Orgs.), **Línguas Jê: estudos vários**. Londrina: Ed. UEL, 2002, p. 115-124.

SILVA, Sergio Baptista dos. Dualismo e cosmologia Kaingang: o xamã e o domínio da floresta. **Horizontes Antropológicos**, 18, p. 189-209. Porto Alegre: PPGAS-UFRGS, 2002.

UNKEL, Curt Nimuendajú. Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion der Apapocúva-Guaraní. **Zeitschrift für Ethnologie**, 46, p. 284-403. Berlin, 1914.

VEIGA, Juracilda. **Organização social e cosmovisão Kaingang: uma introdução ao parentesco, casamento e nomeação em uma sociedade Jê Meridional**. Campinas: IFCH-Unicamp, 1994. Dissertação de Mestrado.

_____. **Aspectos fundamentais da cultura Kaingang**. Campinas: Ed. Curt Nimuendajú, 2006.

_____. **Cosmologia e práticas rituais Kaingang**. Campinas: IFCH-Unicamp, 2000. Tese de Doutorado.

ANEXO

110

Lista de nomes de animais em Kaingang de Manguoeirinha, PR e respectiva classificação por metades clânicas e seções (Rodrigues [1951], 2002)

Mantida em seu arquivo pessoal por mais de meio século, a lista anotada por Aryon Rodrigues, e divulgada por ele há mais de duas décadas, veio à luz com vários problemas de registro que, no entanto, não diminuem em nada seu incomensurável valor para a etnologia e, mesmo, para a linguística. E é por essa razão que julguei indispensável republicá-la neste artigo – no qual busco, justamente, destacar seu valor incomparável –, corrigida das muitas falhas presentes na publicação original. A revisão linguística, para a presente publicação, foi feita pelo linguista Wilmar D'Angelis, colaborador de Aryon Rodrigues. A nota de esclarecimento, a seguir, bem como todas as notas de rodapé na lista propriamente dita, são de sua autoria. (J. Veiga).

As notas de campo de Aryon Rodrigues em sua viagem até a aldeia Kaingang de Mangueirinha (na parte Sul do Rio Iguaçu, no sudoeste paranaense)¹ apresentam vários problemas que geram dificuldades para quem consulte a versão publicada em 2002, em um livro que resultou do 1º Encontro sobre línguas Macro-Jê, organizado na UEL (Londrina) pelo linguista Ludoviko dos Santos.²

A primeira e mais facilmente identificável origem de problemas na publicação original da lista registrada por Aryon é de ordem tipográfica. Símbolos fonéticos foram perdidos, por falha dos editores, de modo que muitas palavras ficaram irreconhecíveis, especialmente para quem não conheça a língua Kaingang. Alguns exemplos:

	2002	2025		2002	2025
<i>gavião 1</i>	ka'k̃	ka'kə	<i>paca</i>	kri'ṛ	kri'ra
<i>jararaca</i>	p̃n'pe	pən'pe	<i>pato</i>	goj'tn	goj'tən
<i>cascavel</i>	ʃ'ʃ	ʃ5'ʃ5	<i>socó</i>	ʃp'ʃw	ʃəp'ʃəw

Uma segunda ordem de problemas originou-se da condição de Aryon como jovem estreante em pesquisa de campo, e com falantes de uma língua que até então só conhecera por registros escritos,³ de modo que algumas transcrições incluem equívocos do anotador. O próprio Aryon registra o fato, ao comentar que

Há 50 anos não havia no Brasil nenhuma possibilidade de aprender a fazer trabalho de campo linguístico. Tudo dependia de intuição, de bom senso, de observação crítica dos acertos e erros. Foi aquela primeira experiência aventureira em Mangueirinha que me fez querer sair do Brasil para aprender fonética prática, procedimentos de análise linguística e muito mais (...).⁴

Para esse tipo de problemas não seria admissível “corrigir” o registro, por optarmos pela fidelidade ao original de Aryon (a mesma fidelidade que nos leva a corrigir as falhas tipográficas da publicação de 2002). Sendo assim, foram mantidas, na tabela, as transcrições fonéticas dele, mas em notas de rodapé foram indicadas formas mais precisas, nos casos em que a transcrição se mostrou falha em algum aspecto. Não se descarta, porém, a hipótese de que, em alguns casos, a pronúncia do falante colaborador de Aryon destoasse

dos registros mais conhecidos e consagrados na ortografia. E, ainda, que em alguns casos tenham ocorrido falhas na digitação do original manuscrito. Vejam-se alguns exemplos, e os comentários a seguir:

	Original de Aryon	Ajuste em Nota
<i>caramujo</i>	dur	'ndud'
<i>cutia</i>	ki'fɔg	ki'fɔg
<i>maracanã</i>	keŋ'er	kẽnt'kẽr
<i>puma, leão</i>	miku'fð	mĩŋku'fðŋ'
<i>tucano</i>	gro:	ŋĩð
<i>porco do mato</i>	kre:ŋ	kræg'

No primeiro dos exemplos acima, a suavidade da pré-nasalização não foi anotada, e a consoante final, não explodida, por ser alveolar e soante,⁵ foi confundida com um tepe. No segundo exemplo, a qualidade posterior da vogal alta foi mascarada pelo contexto entre duas consoantes surdas, uma delas sendo uma fricativa álveo-palatal. No terceiro, quarto e quinto exemplos, anota-se a falta do registro de nasalidade nas vogais, o que em Kaingang é crucial, dado que a língua possui uma série de 6 vogais nasais (v. D'Angelis, 2007). No terceiro exemplo também vale a observação – que aparecerá em rodapé – de estarmos seguros de ter ocorrido uma falha na digitação dos originais, e não de Aryon, ao omitir-se o segundo “k”, na publicação de 2002. De forma semelhante, acreditamos que a qualidade da vogal do último exemplo (um “e” no lugar de “ə”) se deva a uma falha de digitação, sendo pouco provável que fosse uma falha de anotação nos originais.

Convenções

Na lista preparada para publicação, Aryon adotou os seguintes procedimentos e recursos, todos eles respeitados na presente publicação:

- i. “Para os nomes em Kaingáng dou a transcrição fonética que na época pude fazer, mas transliterada para os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (IPA).”
- ii. “... seguida, sempre que possível, pela escrita ortográfica (... de uma nova edição do dicionário de Wiesemann)”.
- iii. “Escrevo em ortografia, também, entre colchetes, alguns nomes compostos, de que só os componentes figuram no dicionário”.
- iv. “Entre parênteses acrescento as traduções do dicionário que diferem em algum detalhe da que foi obtida de meu informante” (RODRIGUES, 2002, p. 118).

No corpo da tabela, aqui republicada, acrescento mais essas duas convenções:

(*) Forma ortográfica omitida no original, e informada por mim.

(**) Termo kaingang anotado por Aryon, para o qual desconheço qualquer outro registro, anterior ou posterior à publicação dele.

Na última coluna da sua lista (nesta publicação: última coluna da tabela, à direita), Aryon indicou, por abreviaturas, a seção clânica a que pertence o nome de cada animal e, portanto, o próprio animal. A chave dessas abreviaturas é apresentada na pequena tabela abaixo, em cujas linhas cada abreviatura é seguida do nome da seção, da indicação da metade exogâmica da qual aquela seção participa, e a forma ortográfica atual do termo kaingang.⁶

Abrev.	Seção	Metade exogâmica	Ortografia atual
Kr =	Kadnjerú	(da metade homônima)	Kanhru
Vt =	Kamé	(outra seção da metade Kadnjerú)	Kamê
Km =	Votoro	(da metade homônima)	Votor
Wn =	Wéjnyky ⁷	(outra seção da metade Kamé)	Vênhjênky

Segue-se a lista, refeita.

Lista de nomes de animais em Kaingang de Mangueirinha, PR e da respectiva classificação por metades clânicas e seções

apresentada em 1951 por José Luís (“Coelho”) dos Santos, da metade Kanhru, então com idade aproximada de 82 anos, segundo registro de Aryon Rodrigues.¹

Português	Kaingang / Fonético	Kaingang / Ortográfico ⁸	Clã / seção
QUADRÚPEDES			
anta	ɔ'jor	ójor	Kr
capivara	kɾig'ndig	krygnyg	Vt
coelho	ka.ʃɪnbɪ'tõ ⁹	kasĩn my tũ (‘rato sem rabo’) ¹⁰	Wn
cutia	ki'ʃog ¹¹	kysóg	Kr
guará	hoː	hóvo* ¹²	Km
lontra	fog'fej	fôgfénh	Kr
morcego	klik'fej	krygféj	----
onça, tigre	mĩg	mĩg	Km
paca	kɾi'rõ	kryrã ¹³	Km
porco do mato	kɾe:ŋ ¹⁴	krág	Km
porco espinho	kɾeŋ'ɾer ¹⁵		Kr
puma, leão	miku'ʃõ ¹⁶	mĩg kusũg (‘onça vermelha’)	Kr
quati	ʃeː	xe ¹⁷	Km
raposa, gambá	dærko'kɾe ¹⁸	nér kókré	Wn
serelepe	ja'titi ¹⁹	jótiti	Km
tateto	ɔk'ʃẽ	ógsã	Km
tatu do rabo duro	fæ'něj	fěñěnh	Km
tatu do rabo mole	hi:ŋ ²⁰	hinh (‘tatu’)	Kr
tatu mulinha (mulita)	fæ'něj.ʃĩ	fěñěnh sĩ	Km
veado	kɛ'mbe ²¹	kāme	Kr
SÍMIOS			
bugio branco	ɛg'ʔe	ég'e (‘bugio preto’) ²²	Km
bugio vermelho	gɔŋ, ŋɔg	góg	Km
mico	kaj'ɲer ²³	kajěr	Kr
AVES			
andorinha	ʃɔ'ɾɔjdn ²⁴	sórónh	Kr
araguari	kɾitkɾir ²⁵	krĩnkrĩr (‘araguai’)	
baitaca	ku'jẽ, ku'ɲẽi	kujãg*	Km/ Wn
beija-flor	kɔ'koj	kókoj	Km
bem-te-vi	ɾi'ɾir		Kr
canário amarelo ²⁶	fæ'rĩ		Wn
carancho	jɔŋ'grɔŋ ²⁷		Kr
corruíra	jakɾĩtɔk'tɔ, jakɾĩtɔk'taw ²⁸		Vt
coruja	keŋ'kɔ ²⁹	kākó (‘coruja grande’)	Kr
gavião 1	ka'kə	kaká (‘gavião penacho’)	Kr
gavião 2	jɔŋ'gɔg ³⁰	jógóg	Wn
gavião de penacho	ka'ki	kaká	Kr

1 Publicação original: “Classificação social dos animais em Kaingang”, in Ludoviko dos Santos & Ismael Pontes (Orgs.), *Línguas Jê: estudos vários*. Londrina: Ed. UEL, 2002, p.115-124 (a lista aqui transcrita ocupa as páginas 121-124). Revisão e notas de Wilmar R. D’Angelis. O manuscrito original faz parte do Acervo Aryon Rodrigues, doado por ele em 2013 para o Instituto Aryon Dall’Igna Rodrigues. Em 2014 aquele Acervo foi transferido ao Instituto de Letras (IL) da UnB, para o qual solicitamos acesso ao manuscrito, para melhor conferência, mas não fomos atendidos.

gralha branca	ʃaŋk'ʃo ³¹	sāgsó (“gralha”)	Kr
gralha preta	ke'pĩ	kāgĩnh	Kr
jacutinga carijó	pe:ŋ ³²	penh (“jacutinga”)	Kr
jacutinga preta	kɔ'ʔi ³³	kó'y*	Km
macuco	vo:	vo	Km
maracanã	keŋ'keɾ ³⁴	kēnkēr	Kr
marreco d'água	kup'heŋ ³⁵	kunhhēg	Wn/ Vt
martim (-pescador)	krẽ'kre	krēkre* ³⁶	Vt
nambu	nde	nE*	Kr
papagaio do peito roxo	jɔgĩ'ɔ	jógjó (‘papagaio’)	Km
pato	goj'tɔn** ³⁷		Vt
pedreiro	ʃǣŋ'groro**		Kr
periquito	ka'jɔj	kajónh*	Kr
picapau	ʃeŋkriŋ'gɔ	sākrĩgó ³⁸	Kr
picapauzinho / pequititinho	jawajʃo'je**		Kr
pomba bem preta	bətojto'ho ³⁹	méjtájtoho*	Kr
pomba preta	pentku'ĩ	pěnkũ'i ⁴⁰	Kr
pomba rola	ʃɔ'rẽ	sórãg (‘pomba’)	Km
querequerê ⁴¹	reŋ're		Kr
sabiá de peito amarelo	kɔkridn'joj	kókryn-joj * ⁴²	Km
sabiá de peito branco	ŋgɔ'dnwe ⁴³	gónvã	Kr
sangue de boi	dʒɔjdn	nhónh*	Wn
saracura	pænt'fwəŋ ⁴⁴	pěnfág	Kr
socó	ʃəp'ʃəw ⁴⁵	sámsám	Wn
surucuá	tuk'tu	tugtu	Km
tesoureiro de peito alvo	kẽ'viŋ	kāvig (‘pássaro penacho’)	Kr
tesoureiro preto	ʃĩ'ʃĩ	sĩsĩ*	Wn
tiriva (periquito)	kɔ'jɔjdn	kójónh	Kr
tucano	gro: ⁴⁶	grũ	Km
tucano pequeno	ŋro'ŋro	grogro*	Km
tuiuiú	krit'kriɟ	krynkryj*	Kr
uru	pít'pír	pynpyr	Vt
urutau	hoj'hoj	og"oj* ⁴⁷	Wn
RÉPTEIS			
cágado	pe'ni	pénĩ	Kr
caninana, cobra d'água	pəntə'hɔ ⁴⁸	pȳn tȳ hó	Wn
caninanuçu	pəno'ror ⁴⁹	pȳn ror *	Km
cascavel	ʃǣ'ʃǣ	sāsã	Vt
coral, boicorá	bi'juj(d) ⁵⁰	(pȳn fifi) ⁵¹	Wn
jararaca	pən'pe ⁵²	pȳn pē	Kr
jararacuçu	pǣn ju'dutku'pri ⁵³	(pȳn my junjun kupri ⁵⁴ ‘cascavelzinho’)	Kr
lagarto	nǣj'ŋgre	jāgré	Km
lagarto do papo amarelo	jɛmu'je	jēmũje	Kr
rã	kǣ'tǣ**		Wn
sapo	pe'po	pépo	Vt
sucuri	nən'mɔ ⁵⁵	(nēmã ‘urutu’)	Km
urutu	fi'fi ⁵⁶		Km
PEIXES			
dourado	pirã'ju	pirāju*	Kr
lambari	kræŋgufwər'ʃĩ	krēgufár*	Km
peixe	kræŋgu'fwər	krēgufár* ⁵⁷	Km

INSETOS			
abelha	mΛη, mΛηbæg	(mỹg ‘mel’)	Kr
aranha	ʃu:’kriη	sukrĩg	Vt
barata	jan’to**58		Wn
besouro	jẽ’fakun’did	(jãfa ‘fezes’)	---
bicho cabeludo	taj’ηgɔku’fĩ	(‘mandorová’ + kusũg ‘vermelho’)	Vt
butuca	pɛn’tu59	pātu	Wn
caramujo	dur60	nun	Wn
coró de palmeira	fæn’dju61	fẽnju*	Kr
formiga	pæt’krig	pétkrig	Wn
gafanhoto	ɔ’p:a:62	ópã	Km
grilo	ɔpɛ’ʃĩ63	(firég, kriggrig, kruj)	Km
lesma	pa:r64	pār (‘lesma preta’)	---
mandorová	taj’ηgɔ65	tãnhgó (‘manduruvá’)	Wn
minhoca	jɔ’kiη66	jókynh (‘larva nas folhas caídas’)	Km
mosca	ka’təj	ka tánh	Km
mosquito miúdo	ka’ʃĩ	kasĩ*	Kr
mosquito que morde	ka	ka (‘mosquito’)	Kr
pernilongo	ʃĩ	sĩ*	Wn
pulga	kam’pɔ67	kãpó	Vt
vagalume	ke’nĩ68	kynĩn	Vt
vespa	kok’u’fo	kógfo	Km

REFERÊNCIAS

AMBROSETTI, Juan Bautista. **Os índios Kaingang de San Pedro (Misiones) – com um vocabulário.** [1894] Trad. Thiago Bolivar. Campinas: Ed. Curt Nimuendajú, 2006.

BALDUS, Herbert. Vocabulário Zoológico Kaingang. **Arquivos do Museu Paranaense**, vol. VI, p. 149-160. Curitiba, 1957.

D'ANGELIS, Wilmar R. **Traços de modo e modos de traçar Geometrias: línguas Macro-Jê & teoria fonológica.** Campinas: IEL-Unicamp, 1998. Tese de Doutorado.

_____. Gênero em Kaingáng? In SANTOS, Ludoviko; PONTES, Ismael (Orgs.), **Línguas Jê: estudos vários.** Londrina: Ed. UEL, 2002, p. 215-242.

GUÉRIOS, Rosário F. Mansur. Estudos sobre a língua Caingangue. Notas Histórico-Comparativas (Dialeto de Palmas – Dialeto de Tibagi) – Paraná. **Arquivos do Museu Paranaense**, v. II, p. 97-177. Curitiba, 1942.

VAL FLORIANA, Mansueto B. de, Fr. Ensaio de grammatica Kainjgang. **Revista do Museu Paulista**, tomo X, p. 529-563. São Paulo, 1918.

_____. Diccionario Kainjgang-Portuguez, Portuguez-Kainjgang. **Revista do Museu Paulista**, tomo XII, p. 1-392. São Paulo, 1920.

VEIGA, Juracilda. **Aspectos fundamentais da cultura Kaingang**. Campinas: Ed. Curt Nimuendajú, 2006.

WIESEMANN, Ursula. **Dicionário Bilíngüe Kaingáng-Português**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.

Notas do anexo

1 O manuscrito original faz parte do Acervo Aryon Rodrigues, doado por ele em 2013 para o Instituto Aryon Dall’Igna Rodrigues. Em 2014 aquele Acervo foi transferido ao Instituto de Letras (IL) da UnB, para o qual solicitamos acesso ao manuscrito, para melhor conferência, mas não tivemos êxito.

2 O encontro sobre línguas Jê, convocado pelo Prof. Ludoviko Carnascioli dos Santos, aconteceu na Universidade Estadual de Londrina, em 2001. Entretanto, inscreveram-se e foram apresentados dois trabalhos sobre língua Karajá, e uma das conferências – da linguista Lucy Seki – foi sobre a língua Krenak, de modo que o evento não se restringiu às línguas da família Jê. Nasceram, assim, os Encontros Macro-Jê, evento que alcançou sua décima edição em 2025.

3 Entre as publicações disponíveis, que Aryon certamente conhecia bem (como Borba, 1908, e Val Floriana, 1918 e 1920 – às quais ele próprio se refere na publicação de 2002, p. 116-117), a mais importante terá sido a de seu professor e orientador Rosário Farani Mansur Guérios, de uma pesquisa com Kaingang de Palmas, publicada nos Arquivos do Museu Paranaense (Guérios, 1942).

4 Rodrigues, 2002, p. 116. Grifos meus. Sobre a transcrição fonética nos seus originais (quando tudo era “*registrado diretamente de ouvido, pois ainda não havia gravadores de som portáteis*”), Aryon informa: “*Transcrição fonética em parte à maneira dos romanistas, em parte à maneira dos registros de Curt Nimuendajú (que usava basicamente o alfabeto standard de Lepsius)*” (*Idem, ibidem*).

5 Trata-se de um /n/ que sofre pré-oralização, passando a [dn] (v. D’Angelis, 1998, p. 107ss, 232ss), sendo que o contexto de final de palavra acaba por enfraquecer muito a fase de murmúrio nasal.

6 Cf. Rodrigues, 2002, p. 118.

7 Corresponde à seção “Wónhétky”, em Veiga (2006, p. 87). A forma ortográfica *Vênhyênky* recebe as pronúncias [vêjpnênt’ki] e [wôjpnênt’ki].

8 A forma ortográfica padrão, proposta por Ursula Wiesemann, corresponde à pronúncia do dialeto de Rio das Cobras, dialeto que o Summer Institute tomou por base para as definições ortográficas do Kaingang. Nas pronúncias dos dialetos ao Sul do Rio Iguaçu, as palavras que, na forma ortográfica padrão, levam “ã”, são

pronunciadas com [ɔ̃] ou com [ɛ̃], conforme o contexto (ver D'Angelis, 2002). Disso resulta que, no caso específico da palavra para “tateto”, por exemplo, Aryon terá ouvido, do falante, a forma [ɔk'ʃɛ̃], conforme registrou nessa tabela, mas poderia eventualmente ter ouvido [ɔk'ʃɔ̃]; no caso do nome do “veado”, ouviu e registrou [kɛ̃'mbe], mas poderia ter ouvido [kɔ̃'mbe] etc. O leitor deverá ter isso em mente, ao confrontar as formas fonéticas transcritas, com essas formas ortográficas: *kāme*, *kākó*, *sāgsó*, *sórāg*, *gónvã*, *pātu* etc.

9 Transcrição revista: [ka ʃĩmbi' tō].

10 Há um termo kaingang para “lebre”: *ninsu* = [ndit''ju]. A expressão descritiva “rato sem rabo” costuma ser aplicada ao “preá” (por ex.: Wiesemann 2002, p. 82), cujo nome kaingang é *sor* = [ʃor].

11 Transcrição revista: [ki'ʃɔg].

12 A partir do registro de Val Florianiana (1920, p. 111).

13 Transcrição revista: *kryrỹ* = [kri' rɔ̃].

14 Transcrição revista: ['kræg']

15 Transcrição revista: ['kræg' rɛ̃r]. A expressão é, no entanto, um neologismo, tradução literal do termo composto em português, “porco espinho”. Há uma palavra kaingang para esse animal, também chamado “ouriço”: *fójin* = [fɔ'jidñ].

16 Transcrição revista: [mĩŋku'ʃɔŋ].

17 Na ortografia Kaingang: *se*.

18 Transcrição revista: [ʔdɛrko'krɛ].

19 Transcrição revista: [jɔti'ti].

20 Transcrição revista: ['hi:j].

21 Transcrição revista: [kɛ̃'mbe].

22 Não há esclarecimento sobre isso no original.

23 Transcrição revista: [ka'jɛ̃r] ou [ka'jɛ̃r].

24 Transcrição revista: [ʃɔ' rɔ̃jɲ''].

25 A palavra [kriɲɲ''kriɲ] – mas não [kritkriɲ] – é o nome do “papagaio do reino” ou “papagaio verdadeiro” (*Amazona aestiva*), enquanto a palavra [krĩnt''krĩr] é o nome do “araguaí” (*Aratinga psittacara*).

26 Ave de origem européia. Desconheço outro registro para o Kaingang.

27 Seria o [jɔ̃s'ŋgɔ̃] = *jógjó* ? Ver “papagaio de peito roxo”.

28 Mais provável: [jakrĩtɔk'tɔw].

29 Transcrição revista: [kɛ̃'kɔ].

30 Transcrição revista: [jɔ̃s'ŋgɔ̃g'].

31 Transcrição revista: [ʃɛ̃ŋk''jɔ̃] ou [ʃɔ̃ŋk''jɔ̃].

32 Transcrição revista: ['peɲɲ'].

33 Jacu.

34 Transcrição revista: [kɛ̃nt'kɛ̃r]. Na publicação de 2002 aparece como “keɲ'ɛr”, mas é improvável que Aryon não ouvisse a consoante oclusiva da segunda sílaba, ainda mais em uma reduplicação; cremos que essa omissão se deve a uma falha na digitação.

35 Pronúncia esperada (dada a forma ortográfica): [kuiɲ''hɛ̃n].

36 Forma ortográfica a partir do registro fonético de Aryon. Considerando o fato de ser uma forma reduplicada, e considerando o registro de Ambrosetti, 1894 (2006, p. 99), o mais provável é que seja *krẽkrẽ*.

37 Não conheço registro – em qualquer outra fonte – de uma palavra para “pato”, em Kaingang, que se inicie por “goj” (“água”). O termo comumente

registrado com a tradução para “pato” é *pégmég*. No entanto, há um registro em Val Florianiana (1920, p. 180) que pode ser uma pista para se reconstituir a palavra anotada por Aryon. O registro do missionário capuchinho é: “*Orétan* – Marreco (o que está na água) – *oré*, brejo”.

38 Transcrição revista: *sãkrĩnhgó*.

39 Transcrição revista, de registro próprio: [m̃bejtəjtʰo] (Toldo Chimbanguê, SC, fev.1984). Em Guarita (RS), conhecem por Ménh-tonh-to-ho, identificada como *pombão* ou *pomba carijó*, *Patagioenas picazuro* (Selvino Kókáj Amaral – comunicação pessoal).

40 Forma ortográfica corrigida: *pěnku*’ĩ.

41 Não identifiquei a que ave se refere. Para o “quero-quero” um raro registro dá: *těrtěr* (Wiesemann, 2002, p. 140).

42 Forma ortográfica a partir do registro fonético de Aryon.

43 Transcrição revista: [ŋgɔdn̄’wẽ].

44 Transcrição revista: [pěnt̄’fĩg̃].

45 Transcrição revista: [ʃəp̄’ʃəbm̄].

46 Transcrição revista: [’ŋĩõ].

47 Com base no registro de Baldus (1947, p. 154).

48 Transcrição revista: [pěnt̄ă’ho].

49 Transcrição revista: [pěno’ror]. Lit.: “*cobra redonda*” ou “*cobra baixa*”. Conheço-a, em kaingang, por *pỹn-vonvon*= [pěn̄,wod̄’wođn̄]; há também o registro de Baldus (1947, p. 155): *páno-vudnvúdn*.

50 *Mijunh* é o nome kaingang da sucuri.

51 Transcrição revista: *pỹnfĩfĩ*.

52 Transcrição revista: [pěnt̄’pẽ].

53 Em Baldus (1947, p. 155): *pan-pé-mbögn*, ou seja, *pỹn-pě-mág*.

54 Os parênteses indicam tratar-se de uma tentativa de Aryon de aproximar sua anotação original de informações obtidas em dicionários kaingang. Não há sentido, porém, na sequência: *pỹn* (cobra) + *my* (rabo) + *junjun* (chegar, pl.) + *kupri* (branco). Reconstituo a anotação original dele como: [pěnjũnduj̃’ku’pri] = *pỹn jũ nunh kupri*, “*cobra brava de papo branco/claro*”.

55 *Něnmã* = [něn̄’mã] é, de fato, o nome kaingang da urutu (Borba 1908, p. 35; Val Florianiana, 1920, p. 78; Baldus 1947, p. 155; Wiesemann 2002, p. 65); o termo kaingang para sucuri é *mijunh*.

56 *Pỹn fifi* é cobra coral. Há, porém, uma cobra de nome “*firi*”, que alguns kaingang conhecem por “urutu mereno” e outros por “cascavel curta”.

57 Empregado, como hiperônimo, para peixes pequenos; para os maiores, o mais comum é usar, também hiperonimicamente, “*pirã*”.

58 A palavra comumente registrada para “barata”, em Kaingang, é *kruj* (Val Florianiana 1920, p. 66; Baldus 1947, p. 158).

59 Transcrição revista: [pěn̄’tu].

60 Transcrição revista: [’ndud̄].

61 Transcrição revista: [fěn̄’ju].

62 Transcrição revista: [ɔ’pã], e nos dialetos mais ao Sul, [ɔ’pẽ] ou [ɔ’põ].

63 Trata-se claramente de uma adaptação neológica: [ɔ,pě’jĩ], ou seja: “gafanhoto pequeno”.

64 Transcrição revista: [’pěr] ou [’põr].

65 Transcrição revista: [’tõj̃’ŋgɔ].

- 66 Transcrição revista: [jɔ'kiɲˈ].
- 67 Transcrição revista: [kã'mpɔ], e ao Sul, [kɔ̃'mpɔ] ou [kẽ'mpɔ].
- 68 Mais provável: [kə'nĩnˈ].